

## O CORPO COMO UM CAMPO POLISSÉMICO

BODIES AS A POLYSEMIC FIELD

LE CORPS COMME CHAMP POLYSÉMIQUE

EL CUERPO COMO CAMPO POLISÉMICO

### Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

### Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio de Janeiro, Brasil

O corpo, enquanto objeto, expressão e materialidade física, temporal e simbólica, nunca assumiu tamanha importância nas investigações contemporâneas. Assim, não é de surpreender o facto de o mesmo se arrogar como pedra de toque deste Volume. O corpo, seus movimentos, artefactos, estéticas, sons. Na verdade, temos patentes inúmeras ideias, perspectivas e visões que têm como ponto de partida – ou ponto de chegada – o corpo. Esta materialidade e extensão das sociedades contemporâneas espelha-se na música, na moda, no cinema; enfim, na prática, na vivência e na relação com os *outros*.

Se pensarmos no caso específico da música, Tanaka e Donnarumma (2019) referem que a criação artística musical pressupõe o uso do corpo físico como um elemento determinante, uma vez que o mesmo se relaciona diretamente com a produção do som. Tia de Nora (1999) falava da tecnologia do *self*. Por outro lado, a música pode ser vista como um elemento artístico que visa a conjugação de vários corpos, nomeadamente o corpo do artista -performance, mas similarmente o corpo do público que se move e manifesta em relação ao som e à performance do artista. Assim, podemos arguir que o corpo em geral, e a noção de corporalidade em específico, revelam características da música e da criação musical que vão para além da audição. Os contributos de Cusick (1994) afirmam-se como paradigmáticos, uma vez que esta autora defende que uma teoria musical incorporada [*embodied*], deve reconhecer a forma como os corpos medeiam a música. Dito de outro modo, a música carece de corpos que a encenem.



Figura 1: Os corpos encontram-se na cidade, Tbilisi junho de 2022

Fonte: Paula Guerra.

Concomitantemente, enunciamos que o corpo é um lugar de sentido (Guerra, 2017), mas também de histórias e, paralelamente, funciona como um suporte às identidades que são socialmente construídas, podendo aqui ser dado como exemplo as lógicas de consumo, a moda (Guerra, 2022) e outros modos de apresentação de si. É aqui que ingressa vivamente a problemática da polissemia no espectro dos espaços socialmente construídos e apropriados. Em consonância, autores como Le Breton (2004) descrevem o corpo como um *alter ego* que se encontra constantemente disponível e aberto a mudanças. Para Paulo Cunha e Silva (1999: 25), falar do corpo implica falar de todos os fragmentos que o compõe “sem receio de se ser insuficiente ou incompleto”. Deste modo, Ferreira (2013), ao afirmar que o corpo possui uma dimensão social, está a abrir o leque de possibilidades face às realidades simbólicas que podem ser a ele associadas: comportamentos, desejos, preferências, estéticas, consumos, entre outros. Neste caso, à sociologia e às ciências sociais o corpo sempre se assumiu como interessante, até porque representa várias dicotomias sociais, tais como a noção de alteridade, a relação com o meio e a relação com o *self*. Mais, na atualidade, podemos ainda falar de ideias como a de transcorporeidade (Hochman, 1998), isto é, uma lógica de reconceção radical da humanidade como sendo animalesca e que, além de se basear em pressupostos evolutivos ambientais, tem como foco estruturas políticas e sociais.

Na senda de Louro (2004), os corpos podem ser entendidos como o resultado daquilo que eles representam dentro de determinada cultura. Voltando a Le Breton (2004), podemos identicamente exprimir que é através do corpo que os indivíduos

se apropriam da vida social e, mais ainda, é também através dos corpos físicos que os indivíduos transmitem e traduzem as suas experiências face a outros corpos (Pussetti, 2013), servindo de sistemas simbólicos que funcionam como uma forma de linguagem. Para Santos (2020: 42), “o corpo surge como uma espécie de rascunho que é feito e refeito pela sociedade”.

Nestas considerações cabem os artigos que integram este Volume, uma vez que, do nosso ponto de vista, os mesmos se articulam com a ideia de Santos (2020) de que os corpos são um rascunho da sociedade. O primeiro artigo é de Julianna Faludi e intitula-se “Conscious eco-consumers or mainstream fashionistas? The perception of barriers to the ethical consumption of fashion consumer groups”. Como é sabido, a moda é um dos principais rascunhos da sociedade nos corpos, estando num constante processo de reinvenção. Logo, neste artigo, Julianna deseja posicionar as práticas de compra dos consumidores de moda num espectro de preocupações éticas, ao passo que identifica cinco segmentos de grupos de consumidores de moda com base na orientação para a moda, preocupações de sustentabilidade, frugalidade e laços emocionais. Este artigo investiga a potencial segmentação dos grupos de consumidores de moda para compreender a ligação por detrás da orientação para a moda e da consciência ecológica nas decisões de compra.

O segundo artigo pertence a Nico Psaltidis e tem como título “Rewatching Aguirre, The Wrath of God: A thleticism, Cine-Trance and the Legacy of Werner Herzog’s anti-ethnographic ‘cosmic’ ethnography”. Estes corpos de Nico levam-nos para o campo dos corpos visualmente representados. O autor discute o legado do filme de Werner Herzog *Aguirre, The Wrath of God*, de 1972, por ocasião do cinquentenário do seu lançamento. Sendo o primeiro de três filmes épicos da história em que Herzog explora o encontro entre o homem ocidental e o *Outro*, Aguirre abre um confronto com um conjunto de práticas cinematográficas que poderiam ser definidas como 'etnográficas' e que, acrescentámos nós, se assumem como modos de representação e de apropriação dos corpos em ação e das lutas simbólicas que nos levam para o conceito de alteridade.

Catarina da Silva e Paula Guerra, com o artigo “A música movimenta a cultura e inspira a lusofonia: pelo interior de Cabo Verde ao (re)encontro de Portugal”, presenteiam-nos com a ideia do corpo (de)colonizado, mas também a noção de corpos em ação. As autoras partem da ideia do nascimento de uma cena crioula em Portugal acompanhada de ritmos sustentados na morna, no batuque, na coladeira e no funaná nos quais, novos semblantes musicais vêm movimentar o corpo e colorir a pele. Estas esferas, estabelecidas a partir de Cabo Verde, direcionam e futuram Lisboa – e seus corpos - como nova, ousada, ativa e próxima de África que, cantada a partir de diversas latitudes, aventura o reencontro de discursos, fluxos e raízes.

Posteriormente, o artigo de Paulo Sousa justamente denominado “Nerdcore não é só para nerds. Uma reflexão sociológica sobre o *nerdcore music* contemporâneo” encaminha-nos para o imaginário dos corpos moldados. Aqui, a ideia de corpo como *alter ego* (Le Breton, 2004), assume-se como determinante. O autor procura realizar um rastreamento de alguns dos temas explorados em torno da cultura *geek* e da sua vastidão, no que toca à dimensão das cenas musicais dentro deste domínio, com o intuito de demonstrar que existe um vazio que merece ser preenchido e, nesse âmbito, o *nerdcore* vislumbra-se como um movimento cultural que teve extensões para uma cena musical específica, que visa o inter-relacionamento de corpos em ação.

Por fim, na secção dos artigos deste número temático, apresentámos os contributos de Rodrigo Serra Diogo em torno do artigo “Música liminar e memórias de um futuro passado: uma análise sociológica do lo-fi e vaporwave”. Neste artigo, os corpos arrogam-se *tecnologizados* e concertantes do futuro das sociedades contemporâneas futuristas. Este artigo debruça-se sobre as cenas musicais do *lo-fi* e do *vaporwave* através de uma abordagem sociológica; abordagem essa que parte de uma contextualização histórica e cultural do surgimento de ambos os géneros musicais. Paralelamente, o autor propõe uma análise das suas manifestações nos espaços digitais.

Avançando e descrevendo os registos de pesquisa, começamos por Jorge de Carvalho, cujo busílis analítico assenta no “Corpo transformado” visual e cinematograficamente. O autor recorre à imagem científica, que transforma o corpo que vemos pelos nossos olhos, sem tecnologia, num outro corpo. Um corpo imagético, apenas visível tecnologicamente e, desse modo, estabelece uma análise em torno da geografia do corpo que é ilustrada num antigo filme em sucessivos planos de pormenor, e outros três documentários com corpos transformados de animais. O corpo (co)modificado assume-se como pedra de toque. Trata-se da apresentação de um programa de cinema experimental e documental em torno dos corpos polissémicos.

O último registo de pesquisa é da autoria de Henrique Grimaldi Figueredo e designa-se como “Hacking Les Systèmes: Une Conversation Avec Marc-Antoine Léval”. Aqui, o corpo artístico e o corpo como objeto da arte são temas cruciais. Nessa reflexão e entrevista com o artista francês, Marc-Antoine Léval, o autor aborda questões como o hackeamento dos circuitos artísticos, a imaterialidade da arte e um certo “artivismo” como modo de sobrevivência no campo cultural da contemporaneidade.

Porto e Rio de Janeiro, novembro de 2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cusick, S. (1994). Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/Body Problem. *Perspectives of New Music*, 31(1), 8-27.
- DeNora, Tia (1999). Music as a technology of the self. *Poetics*, 27, 31-56.
- Ferreira, V.S. (2013). Resgates sociológicos do corpo. Esboço de um percurso concetual. *Análise Social*, 48 (208), 494-528.
- Guerra, P. (2022). Teenagers From Outer Space: Contributos para uma genealogia dos fios que teceram a moda e o do-it-yourself em Portugal. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, 34, 19-63.
- Guerra, P. (2017). *Corpo, historicidade e Moderna Teoria Social*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Hochman, J. (1998). *Green Cultural Studies: Nature in Film, Novel, and Theory*. Moscow: University of Idaho Press
- Le Breton, D. (2004). *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus.
- Louro, G.L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pussetti, C. (2013). “Woundscape”: Sofrimento e Criatividade nas Margens. Diálogos entre Antropologia e Arte. *Cadernos de Arte e antropologia*, 1, 9-23.
- Santos, M.R. (2020). Objeto de Desejo, corpo abjeto: Rumo a um Corpo Decolonial na Experiência Transexual. *Abriu*, 9, 39-56.
- Silva, P.C. (1999). *O Lugar do Corpo. Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tanaka, A. & Donnarumma, M. (2020). The Body as Musical Instrument. In Y. Kim & Gilman, S.L. (eds.). *Music and the Body* (79-98). Oxford: Oxford University Press.

**Paula Guerra.** Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: *DIY, Alternative Culture & Society*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

**Lígia Dabul.** Doutora em sociologia. Professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar/UFF – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

## Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2022). O corpo como um campo polissêmico. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 5(2), pp. 4-8. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n2apr